N. 9 MAR 2018

retratos

A REVISTA DO IBGE

todas nós podemos!

ODS 4: EDUCAÇÃO INCLUSIVA, EQUITATIVA E DE QUALIDADE

OS PRODUTOS DO CLIMA TEMPERADO DO SUL RURAL

A CADEIA PRODUTIVA DE UMA DAS CULTURAS MAIS ANTIGAS DO BRASIL: A CANA-DE-AÇÚCAR

AGÊNCIA
IBGE
NOTÍCIAS
A notícia de quem produz a informação
O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística tem a sua própria agência de notícias. Digite agenciadenoticias.ibge.gov.br e acesse um mundo de informações em diferentes formatos: releases e vídeo-releases; notícias; infográficos; banco de imagens; vídeo-reportagens; pequenos documentários e reportagens. A Agência IBGE Notícias também produz mensalmente a revista Retratos e gera conteúdo jornalístico nos perfis do IBGE nas redes sociais. Muitas mídias, diversos formatos e um só objetivo: informação para a cidadania.
agenciadenoticias.ibge.gov.br
/ibgecomunica
/ibgeoficial
/ibgeoficial
/ibgeoficial
www.ibge.gov.br 0800-721-8181
IBGE
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E GESTÃO
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

editorial

MARÇO É O MÊS EM QUE SE COMEMORA O DIA INTERNACIONAL DA MULHER. Nesta edição, procuramos contribuir com novos olhares sobre o que é ser mulher numa sociedade cheia de expectativas em relação a padrões de gênero. E, para fugir dos padrões, nossas personagens são uma criança negra e uma mulher trans, que nos ajudam a pensar no tanto que "ser mulher" é um contínuo fazer-se ou tornar-se.

Para possibilitar que reflexões como esta sejam feitas e gerem transformações, é fundamental o acesso universalizado à educação de qualidade para toda a população. É o que preconiza o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4, tema da entrevista com Betina Fresneda, pesquisadora do IBGE responsável pela articulação do ODS 4.

Ainda falando de transformações, podemos conhecer mudanças na dinâmica territorial a partir do cultivo da cana-de-açúcar. Do plantio à distribuição, formas tradicionais e modernas de produção geraram etanol, açúcar, melado, cachaça e energia para o consumidor nacional e estrangeiro.

Uma lição que vem do campo, como mostra a matéria sobre aspectos da agricultura praticada na Região Sul, indica que o trabalho em grupo e em harmonia com a natureza garante lucro para muitas famílias que conseguem viver de sua produção.

No caso do trabalho voluntário, o lucro é de outra ordem. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, praticar essa atividade, fazendo o bem para quem precisa de ajuda, é rotina na vida de 6,5 milhões de brasileiros. São eles, os voluntários, que contam suas experiências de trabalho na matéria que encerra essa edição. Boa reflexão.

Equipe da redação

expediente

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Avenida Franklin Roosevelt, 166 sala 900 A - Centro - Rio de Janeiro - RJ 20021-120

IBGE

Presidente
Roberto Olinto Ramos

Diretor-Executivo
Fernando J. Abrantes

Diretoria de Pesquisas
Cláudio Crespo

Diretoria de Geociências
Wadih João Scandar Neto

Diretoria de Informática
José Sant`Anna Bevilaqua

Centro de Documentação e Disseminação de Informações
David Wu Tai

Escola Nacional de Ciências Estatísticas
Maysa Sacramento de Magalhães

UNIDADE RESPONSÁVEL
Coordenação de Comunicação Social
Diana Paula de Souza

Editor
Marcelo Benedicto

Editora assistente
Marília Loschi

Editora de arte
Simone Mello

Editora de fotografia
Licia Rubinstein

Projeto gráfico
Helga Szpiz
Simone Mello

Reportagem
Irene Gomes
João Neto
José Zasso
Larissa Grizoli
Marcelo Benedicto
Marília Loschi
Mateus Boing

Editoração eletrônica
Helga Szpiz
Licia Rubinstein
Pedro Vidal
Simone Mello

Foto de capa
Licia Rubinstein

Fotografia
Daiane de Paula Ciriáco
José Zasso
KEEP Studio
Larissa Grizoli
Licia Rubistein
Marcelo Luiz Delizio Araújo
Pedro Vidal
Roberta Ferreira

Ilustração
Licia Rubinstein
Pedro Vidal

Tratamento de imagens
Licia Rubinstein
Pedro Vidal

Colaboração
Irene Gomes
Marina Cardoso (estagiária)
Mônica Marli

Logística de distribuição
Helena Pontes

Quadrinhos
Alice Pereira

Revisão de textos
Marília Loschi

Impressão
COAN Indústria Gráfica Ltda.

Tiragem
20.000 exemplares

Retratos a Revista do IBGE
é uma publicação mensal do Instituto para distribuição interna e externa.

A publicação não é comercializada.
Todos os direitos são reservados.
Caso queira reproduzir as matérias e as imagens desta edição, entre em contato através do nosso e-mail.

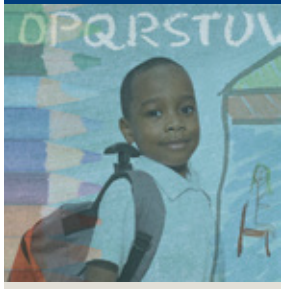
A publicação das informações individuais na Retratos é sempre autorizada pelos entrevistados.

Críticas e sugestões:
revistaretratos@ibge.gov.br

5 #ibge/publicações

26 Pequenas Felicidades Trans

i



6 educação de qualidade

Metas do ODS 4 buscam acesso ao conhecimento para toda a população

b

8 rural sul: agricultura de família

Banana, amora e erva-mate são alguns dos frutos colhidos nas terras da região subtropical do país

g

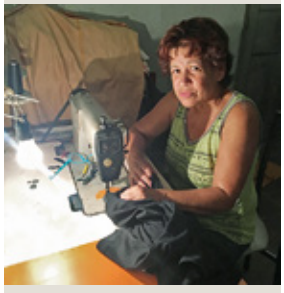
14 geografia da cana

Do período colonial até hoje, a cana-de-açúcar faz parte da nossa identidade nacional

e

18 donas de ideias, diplomas, casa, empresas, histórias, si

Crescente participação feminina coloca em xeque as narrativas sobre a mulher



24 outras formas de voluntariado

6,5 milhões de brasileiros realizaram trabalho voluntário em 2016

#ibge

agenciadenoticias.ibge.gov.br

@ibgecomunica /ibgeoficial @ibgeoficial /ibgeoficial

276.795
total de seguidores

+3.582
novas curtidas no mês

27.127
pessoas envolvidas

416.952
usuários alcançados

Notícia mais lida na Agência IBGE Notícias

Prévia da inflação de janeiro cresce pressionada pelos alimentos

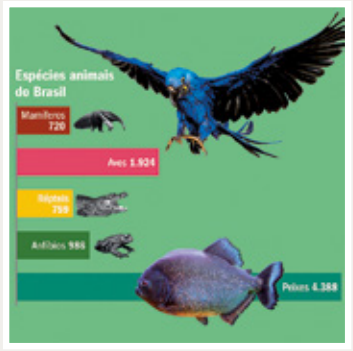
1.762
acessos

goo.gl/mjzYcf

Destaque nas redes

Produção Industrial

Infovídeo Camadas de Informação



Biodiversidade

Coral do IBGE

referência: janeiro

publicações

Visite nossa loja virtual: http://loja.ibge.gov.br/

A Geografia da Cana-de-Açúcar

Publicação da série Dinâmica Territorial da Produção Agropecuária, apresenta o mundo geográfico da cana-de-açúcar através do sistema de lugares que essa socioeconomia cria: os lugares responsáveis pelo fornecimento de insumos e máquinas agrícolas, os lugares de cultivo, os lugares por onde se transporta a cana colhida e aqueles por onde se escoam os produtos derivados, os lugares de processamento industrial e os lugares de comercialização.

O Censo entra em campo

Como indica seu subtítulo (O IBGE e a história dos recenseamentos agropecuários), o livro traz artigos de diversos autores que remontam à trajetória dos Censos Agropecuários desde o Império até 2006. A publicação é dividida em três seções: a primeira aborda os primórdios da atividade estatística no país, com destaque para o Censo Agro 1920; a segunda traz textos de pesquisadores com avaliações sobre a pesquisa; e uma última aborda seus métodos, processos e técnicas.

educação de qualidade

texto
Irene Gomes
arte e design
Licia Rubinstein

A educação tem poder para erradicar a pobreza, transformar vidas e promover avanços em todos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Um ODS voltado especificamente para educação, com metas como garantir o desenvolvimento de qualidade na primeira infância, ensino primário e secundário completo para todas as crianças, igualdade de acesso à educação técnica, profissional e superior de qualidade para todos os homens e mulheres é o que impulsiona os demais objetivos. Betina Fresneda, pesquisadora do IBGE responsável pela articulação do ODS 4, fala sobre os caminhos e desafios de monitorar a Agenda 2030 para educação.

Revista Retratos **Quais são os desafios para a construção de indicadores de monitoramento da Agenda 2030 para educação?**

Betina Fresneda A Agenda 2030 para educação foi ambiciosa, deslocando o foco de indicadores tradicionais quantitativos, como acesso à escola, para indicadores qualitativos, que procuram medir os resultados educacionais em termos de desempenho nos diversos níveis de ensino e grupos etários. O Brasil avançou muito na produção de dados sobre qualidade do ensino, a partir de avaliações

OBJETIVO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL 4: ASSEGURAR A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E EQUITATIVA E DE QUALIDADE, E PROMOVER OPORTUNIDADES DE APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA PARA TODAS E TODOS

em larga escala desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Contudo, há lacunas de informação sobre temas estratégicos, que incluem desenvolvimento infantil, analfabetismo funcional e computacional de jovens e adultos.

Retratos Como medir qualitativamente a educação?
Betina Devido a sua complexidade, a maioria dos indicadores que compõem o ODS 4 não possui metodologia internacionalmente definida. Isso significa que, no caso dos indicadores de qualidade, ainda não há uma métrica global que estabeleça qual é o desempenho mínimo esperado para cada indicador. Por exemplo, a Aliança Global para o Monitoramento do Aprendizado, criada pela Unesco para apoiar os esforços de países na execução do ODS 4, está discutindo qual seria o nível de desempenho adequado em leitura, escrita e matemática para que um adulto não seja considerado analfabeto funcional.

Retratos Qual o papel do IBGE na construção desses indicadores?
Betina Além dos 11 indicadores globais do ODS 4, há um conjunto adicional de 32 indicadores temáticos estabelecidos na Conferência Geral da Unesco de 2015. Muitos deles necessitam de definições conceituais e metodológicas. Com o objetivo de apoiar a implementação dos indicadores globais e temáticos, a divisão de estatística da Unesco criou, em 2016, o Grupo de Cooperação Técnica para os Indicadores do ODS 4. O IBGE representa o Brasil neste grupo e vem contribuindo para o desenvolvimento de metodologias juntamente com o Inep/MEC. Nesse sentido, há muito o que avançar na definição dos indicadores globais e temáticos necessários para o monitoramento das metas do ODS 4.

Retratos Que indicadores o IBGE já possui para acompanhar as metas do ODS 4?
Betina O avanço na produção de dados pelo IBGE para o cálculo dos indicadores do ODS 4 depende, em grande medida, da definição compartilhada internacionalmente das metodologias. Dos 11 indicadores globais, 9 dependem da produção de dados nacionais. Devido à complexidade dos indicadores globais, somente três já possuem metodologia internacionalmente definida e apenas um depende de dados do IBGE: a participação no ensino organizado um ano antes da idade oficial de ingresso no ensino fundamental (4.2.2). No Brasil, esse indicador representa o percentual da população de cinco anos de idade que frequenta escola. De acordo com os dados da Pnad Contínua de 2016, esse percentual estava próximo à universalização, atingindo 94,4% das crianças de 5 anos de idade na escola.

Retratos O Plano Nacional de Educação está alinhado ao ODS 4?
Betina O Plano Nacional de Educação está alinhado em termos gerais com o ODS 4 na medida em que ambos priorizam o acesso, a qualidade e os resultados educacionais de forma inclusiva e equitativa. Entretanto, os indicadores adotados para monitorar essas estratégias no PNE não coincidem necessariamente com os indicadores globais do ODS 4. Pretende-se apresentar o mapeamento sistemático dos indicadores globais e temáticos do ODS 4 em relação ao PNE no III Encontro de Produtores de Informação Visando à Agenda 2030. ■

Arquivo pessoal

Betina Fresneda possui doutorado em Sociologia pela UERJ e é responsável pela articulação do ODS 4 no IBGE.

Rural Sul
agricultura de família

texto José Zasso, Larissa Grizoli e Mateus Boing
fotos José Zasso, Larissa Grizoli, Pedro Vidal e KEEP Studio
design Pedro Vidal

Leonardo Sousa Vieira

Gente que veio de longe para trabalhar a terra e dela tirar seu sustento. Essa é a história de diversas famílias que chegaram à Região Sul do Brasil para se dedicar à agricultura. Hoje, muitas delas cuidam com as próprias mãos de diversas etapas da produção agrícola, como a colheita. O resultado são produtos típicos da região como a erva-mate, cujo cultivo é uma tradição que atravessa gerações, especialmente no Rio Grande do Sul. Já a banana, fruta amplamente consumida no país, também tem sua versão sulista, que segundo os agricultores do vale do Itapocu, em Santa Catarina, é a mais doce do país. E por falar em sabor, são as amoras que garantiram que antigas receitas de família fossem resgatadas para transformar a fruta colhida em geleia, licor e outras iguarias em Ponta Grossa, no Paraná.

DOCE POR NATUREZA

Ela tem origem nas florestas tropicais do sudeste da Ásia. Eles vieram do clima temperado da Europa. O encontro se deu numa região subtropical do Brasil, de relevo acidentado e repleta de rios e cachoeiras. Exigiu adaptação e persistência; gerou prosperidade e doçura. A história da banana de Corupá – a mais doce do país e segunda colocada nacional em termos de cultivo por município (157.622 toneladas em 2016, de acordo com a Produção Agrícola Municipal, do IBGE) – é a história dos Gesser, dos Lange, dos Glowacki, dos Minatti, dos Müller e outras famílias de imigrantes que chegaram ao vale do rio Itapocu, norte de Santa Catarina, a partir da segunda metade do século XIX.

Localizada nas encostas da Serra do Mar, com microclima quente e úmido, grande amplitude térmica e chuvas bem distribuídas ao longo do ano, a região de Corupá reúne condições especiais que influenciam o crescimento e a composição química da banana.

No Equador e na Costa Rica, maiores exportadores mundiais, são necessários de sete a oito meses para a colheita. No vale do Itapocu, de 13 a 14 meses.

Divulgação

Agregando valor

O livro "Banana da Região de Corupá: levantamento histórico e cultural", publicado pela Asbanco e pelo Sebrae, é resumo de um dos levantamentos exigidos para se obter registro de Indicação Geográfica (IG) na modalidade Denominação de Origem (DO). A IG é uma certificação do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) a produtos que são característicos do seu local de origem, atribuindo reputação, valor intrínseco, identidade própria e distinção em relação a similares no mercado. O IBGE participa do processo homologando delimitações cartográficas e incluindo o produto em mapas temáticos.

Leonardo Sousa Vieira

Isso aumenta não só os níveis de amido e açúcares naturais, mas também os teores de potássio, manganês e cálcio. "Análises mostraram que a nossa banana tem até cinco vezes mais potássio do que as do Equador e Costa Rica. É uma fruta menos ácida e, quanto menor a acidez, maior a sensação de doçura", explica Eliane Cristina Müller, diretora-executiva da Associação dos Bananicultores de Corupá (Asbanco), justificando o conceito criado para a banana local: doce por natureza.

Os fatores que tornam a banana de Corupá a mais doce do país — e talvez do mundo (Eliane participa de feiras internacionais e nunca provou nenhuma outra tão doce) — também criam dificuldade para os produtores locais. Além do tempo maior de produção, o clima mais frio provoca rompimento dos vasos da casca da banana. Ela fica verde-escura e, quando amadurece, amarelo chocolate, coloração diferente do padrão estético mais aceito pelo mercado. "O consumidor come pela casca", diz Eliane.

Daí a importância de se obter uma certificação como o registro de Indicação Geográfica (IG) [ver coluna na pág. 9] para as cerca de 600 famílias de bananicultores da região, cujo modelo de agronegócio é típico do meio rural catarinense: 70% são pequenos e médios produtores com oito hectares, em média, de área plantada. Por décadas à mercê de atravessadores, eles se organizaram na década de 1990 para comprar, em conjunto, fertilizantes e outros insumos agrícolas. Para isso, foi criada em 1994 a Asbanco.

O pai de Eliane, Conrado Müller, bananicultor há 40 anos, criou dois filhos e emprega até sete funcionários na propriedade com 30 hectares de área plantada. Embora otimista com a IG, ele acredita que vai levar tempo para o consumidor valorizar a banana de Corupá por sua qualidade especial. Mas o que o preocupa de fato é a aplicação do Código Florestal, que reduziria sua área plantada pela metade por haver dois córregos na propriedade, e a decisão do governo federal de abrir

SANTA CATARINA[2]
Banana 29.575ha
721.579 toneladas
Produtos: barra nutritiva, *chips*, doce, *in natura*, passa entre outros

Fontes: 1 SEAB/DERAL; EMATER/PR 2015
2 IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Produção Agrícola Municipal 2016

PARANÁ[1]
Amora 83ha
385 toneladas
Produtos: doce, geléia, licor entre outros

RIO GRANDE DO SUL[2]
Erva mate 33.445ha
297.141 toneladas
Produtos: cerveja, chá, chimarrão, cosméticos, geléias entre outros

José Zasso

caminho para a importação de bananas do Equador. "Se vier a acontecer, fechamos as portas".

AGRICULTURA FAMILIAR SUSTENTA PRODUÇÃO DE ERVA-MATE

Os Dapont são uma das mais de 700 famílias que vivem do cultivo da erva-mate na pequena Ilópolis, município de 4 mil habitantes e maior produtor nacional de erva-mate, segundo dados de 2016 da Produção Agrícola Municipal (PAM) do IBGE. Quatro pessoas, o casal Lidovino e Edília, o filho Fernando e Neldi (irmão de Lidovino), cuidam da produção de uma área de cerca de 25 hectares de erva-mate, convencional e orgânica, na área rural do município.

A exemplo dos Dapont, a base da cadeia produtiva da erva-mate em Ilópolis, como em outros municípios do Alto Vale do Taquari, é familiar e quase todo o trabalho é feito manualmente antes de ser encaminhado às indústrias da região. O terreno acidentado e o solo são ideais para o cultivo da erva oriunda dos povos indígenas e que é um símbolo do sul do Brasil.

A colheita da erva-mate pode ser realizada durante praticamente todos os meses do ano. Só em Ilópolis são 35 ervateiras, e mais de 70 se considerados os municípios vizinhos. Em outras regiões do Rio Grande do Sul é mais comum o uso de tarefeiros, trabalhadores terceirizados contratados para a colheita, mas em Ilópolis e em municípios próximos predomina a colheita feita pela própria família. "A colheita familiar garante um cuidado maior com a qualidade da erva-mate e isso proporciona melhores preços no mercado", explica Roberto Feron, diretor-executivo do Instituto Brasileiro da Erva-Mate (Ibramate).

Além dos tradicionais chimarrão e tereré, as entidades do setor ervateiro dos municípios do Alto Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, comercializam refrigerantes, cervejas, cosméticos, produtos de higiene pessoal, ração para animais e energéticos feitos com a erva-mate. "Hoje, a erva-mate está presente em poucos estados do Brasil. Nossa

A cidade da erva-mate

Quem visita o Parque do Ibama, em Ilópolis, tem a oportunidade de conhecer a história da erva-mate. Organizada em seis períodos históricos, que começa com os índios guaranis, passa pelas reduções jesuíticas dos Sete Povos das Missões do Século XVIII e chega até os dias atuais, a exposição mostra equipamentos e instrumentos usados na produção da erva-mate. O Parque também conta com um banco de mais de 700 mudas recolhidas em quatro estados brasileiros, mantido por meio de um convênio com universidades públicas e comunitárias.

Acervo da família

intenção com a diversificação de produtos é chegar em outras regiões do país", avalia Feron.

O cultivo orgânico da erva-mate também tem ganhado espaço. "Esse cultivo exige mais do produtor, mas também garante um preço melhor", explica Maurício Carlesso, responsável por uma ervateira da região. "É uma opção que tem se ampliado, há um mercado se abrindo para a produção orgânica e toda a cadeia produtiva está atenta a isso", sustenta Feron.

A cada dois anos, Ilópolis realiza no mês de novembro a Turismate, a festa da erva-mate, principal evento do município. Sozinha, a cidade detém 22% de toda a produção de erva-mate do Rio Grande do Sul e 10,7% da produção nacional, segundo os dados de 2006 da PAM.

NO PARANÁ, DIVERSIDADE NO CAMPO VAI ALÉM DA PRODUÇÃO

No ano de 1999, os pais de Anneleen Dewulf tomaram uma decisão que afetaria o futuro de toda a família: vir para o Brasil. Apaixonado pelo país, o pai Geert, a mãe Katty, Anneleen e os dois irmãos saíram da Bélgica rumo a Ponta Grossa, no Paraná, para trabalhar com agricultura. A família chegou ao país com uma condição financeira estável, bem diferente de milhares de imigrantes europeus que desembarcaram no Brasil no século XIX e início do século XX, fugindo da fome e da falta de oportunidades.

O município de Ponta Grossa está localizado nos Campos Gerais do Paraná. A agricultura da região é marcada não só pela diversidade de produtos, mas também de etnias, com imigrantes ucranianos, holandeses e alemães contribuindo para a formação e desenvolvimento do estado. A família de Anneleen já conhecia um pouco dessa história e optou pela região justamente pela presença das colônias de imigrantes e do clima favorável para a agricultura. Logo na chegada ao Brasil, começou a cultivar soja, milho, feijão e trigo. Seis anos depois, a família resolveu também plantar amoras, fruta ainda desconhecida na região.

O intuito era vender para fabricantes de iogurte, mas bem na época as empresas tiveram uma queda nas vendas e acabaram desistindo de comprar a fruta. "A gente olhou para as amoras e disse: o que a gente vai fazer?", lembra Anneleen.

A solução encontrada foi recuperar uma antiga tradição da família que garantia produtos elaborados a partir da fruta durante as épocas mais frias do ano. "Meu pai colhia as frutinhas no bosque e minha avó fazia geleias, sucos, polpas e bebidas para os mais velhos. Quem não gosta de um licorzinho para esquentar no inverno? Daí a gente foi pegando as ideias. Se dá para fazer com a uva, vamos tentar com a amora. E deu certo", conta Anneleen, que hoje, além de cultivar amoras, fabrica vinhos, licores, aguardentes, cerveja, caldas e geleias com a fruta.

Algumas receitas são da avó da empresária, Yvonne Declerck, e outras foram criadas pelo pai. O vinho demora dois anos para ficar pronto, o licor e a aguardente, cinco.

Larissa Grizoli

KEEP Studio

Tudo é comercializado na adega da família, que recebe em média 100 visitantes por semana na alta temporada. Para atender à demanda dos clientes, 50 hectares da propriedade são dedicados às amoreiras, do tipo Brazos. As amoras são livres de agrotóxicos, colhidas manualmente e precisam de 940 horas de frio para se desenvolver.

A próxima colheita deve ocorrer entre outubro deste ano e janeiro de 2019. Enquanto isso, a família já pensa em expandir os negócios, com o cultivo de lavanda. O objetivo é aumentar a área plantada, para que a flor deixe de ser só um atrativo para os visitantes da adega e passe a ser utilizada para a extração de óleo, muito utilizado em aromaterapia e na indústria de cosméticos.

Com bastante trabalho pela frente, e também muitas conquistas já alcançadas, Anneleen reconhece que o Brasil é um país bom. "As clientes falam: 'nossa, você é louca de vir para cá'. Mas quem faz o lugar é você", conclui. ■

Pedro Vidal

geografia da Cana

O CULTIVO E PROCESSAMENTO DE UMA DAS CULTURAS MAIS ANTIGAS DO BRASIL

texto João Neto e Marcelo Benedicto
fotos Daiane de Paula Ciriáco, Licia Rubistein e Marcelo Luiz Delizio Araújo
design Pedro Vidal

Marcelo Luiz Delizio Araújo

Marcelo Luiz Delizio Araújo

Do plantio à chegada do produto ao consumidor, brasileiro ou estrangeiro, a cadeia produtiva da cana-de-açúcar segue um longo caminho. Presente em solo brasileiro desde o período colonial, a cana é cultivada de norte a sul do país e envolve desde pequenos produtores até grandes usinas, dando origem principalmente ao açúcar e o etanol – embora produtos como açúcar mascavo e cachaça artesanal venham conquistando mais espaço no mercado.

Nativa do continente asiático, a cana-de-açúcar foi trazida ao Brasil pelos portugueses por volta de 1530. As primeiras mudas foram plantadas em planícies próximas ao mar, principalmente no Nordeste, cultivo que nos anos seguintes foi se interiorizando no país. Os livros de história relatam um passado glorioso da cana-de-açúcar, determinante para o estabelecimento da colônia na época, embora tenha ajudado a promover o tráfico de africanos.

"Os colonizadores trouxeram a cana para o Brasil também pensando em movimentar o mercado de escravos. A economia gerada por ela, de certa forma, estruturou o Brasil de hoje. No Nordeste temos um exemplo: várias usinas hoje vieram de antigos engenhos", explica a geógrafa do IBGE, Daiane de Paula Ciriáco.

Com o tempo, o Brasil ganhou concorrentes e a cana entrou em decadência, deixando de ser a principal atividade econômica no século XVII. Mesmo assim, o Brasil continuou produzindo e exportando derivados da cana. As últimas décadas foram marcadas por investimentos em melhoramentos genéticos e na produção de novos gêneros como o etanol.

Em 2017, a área colhida de cana de açúcar no Brasil totalizou cerca de 9.2 milhões de hectares, correspondente ao tamanho de Santa Catarina. A produção foi de 687,8 mil toneladas, 10,5% a menos que em 2016. O gerente de Agricultura do IBGE, Carlos Alfredo Guedes, atribui essa diminuição ao receio dos produtores diante da queda na demanda por etanol. "Nos últimos anos, o governo tem adotado uma política de controle do preço da gasolina e manteve os preços congelados com o objetivo de controlar a inflação. Isso inviabilizou na maioria dos estados a utilização do etanol, que perdeu concorrência frente à gasolina".

PLANTIO, CULTIVO E COLHEITA: BOIAS-FRIAS À MECANIZAÇÃO

Diferente de cerais como arroz, milho e café, a cana-de-açúcar é plantada por meio de toletes (pedaços de cana). No Brasil,

Museu da cana

Antigo engenho central em Pontal/Sertãozinho (SP). A modernização da produção canavieira se iniciou com os engenhos centrais no século XIX.

“A cana é do pequeno produtor da agricultura familiar até o grande, que produz etanol e açúcar. Há ainda a produção de energia com a queima do bagaço.”

Daiane de Paula Ciriáco, geógrafa do IBGE

os canavicultores adotam dois sistemas de safras: o mais comum dura 18 meses, outro, vantajoso por facilitar o gerenciamento de grandes áreas, dura 12. Segundo a Pesquisa Agrícola Municipal do IBGE, em 2016, 58% dos municípios brasileiros produziam cana-de-açúcar com regularidade. São Paulo, Goiás e Minas Gerais são os maiores produtores.

Conforme explica Carlos Alfredo, o clima brasileiro, de modo geral, é bastante propício para se plantar cana. “A cana-de-açúcar pertence à família das gramíneas, que necessitam de muito sol para realizar a fotossíntese. Assim, a cana encontrou no Brasil condições ideais para seu desenvolvimento”.

No entanto, a questão da mecanização da colheita é um desafio para o Brasil. O Censo Agropecuário de 2006 revelou que, dos municípios produtores de cana, apenas 2,4% deles empregavam colheita automatizada ou combinada em mais da metade dos estabelecimentos. O emprego da colheita manual nos canaviais é um ponto que reabre a discussão sobre condições de trabalhos dos boias-frias.

“Nas novas zonas de produção como o sul goiano, as usinas nascem mecanizadas, mas nas regiões mais antigas como Nordeste e em alguns locais de São Paulo ainda não são totalmente. Essas novas usinas contratam, assinam carteira, cedem alojamento e tendas próximas aos canaviais, quando é preciso. É um setor muito fiscalizado pelo Ministério do Trabalho, por esse passado”, explica Daiane.

Após a colheita, a cana é levada para as usinas, onde é processada para extração da sacarose, matéria-prima do etanol, açúcar, cachaça e outros alimentos. Segundo o geógrafo do IBGE, Diogo Cabral, não pode haver uma distância muito grande entre a área plantada e a de processamento, porque após a colheita a cana precisa ser processada rapidamente para não se degradar, o que explica o fato de a economia de municípios depender quase que exclusivamente do cultivo e do processamento da cana. O bagaço também é usado para geração de energia para consumo interno das usinas e para a rede elétrica nacional.

EXPORTAÇÃO, AGRICULTURA FAMILIAR E PRODUÇÃO ARTESANAL

Segundo a publicação do IBGE, “A Geografia da Cana-de-Açú-

Do plantio ao produto

Dependendo da variedade e do local de plantação, demora de 12 a 18 meses para ser colhida.

Máquinas ou trabalhadores manuais fazem a colheita da cana.

É plantada por meio de toletes, que são pedaços de cana.

Como se degrada rapidamente, a cana é transportada para fábricas próximas aos canaviais.

car", em 2015 foram produzidos 30 bilhões de litros de etanol e 35,6 milhões de toneladas de açúcar no país. Desse total, o Brasil exportou 5% do etanol e 67,4% do açúcar produzido. "A produção de cana movimenta muitos lugares dentro do Brasil. O etanol é basicamente para consumo interno. Já o açúcar conecta o Brasil com lugares lá fora", explica Adma Haman, geógrafa do IBGE.

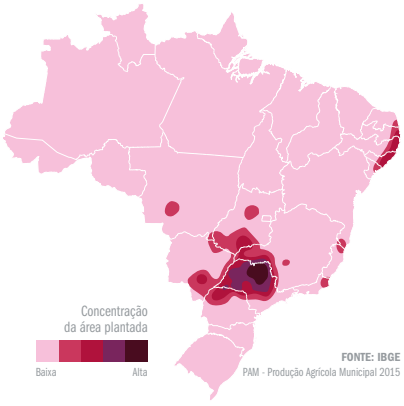
Outro segmento crescente é a cachaça. Daiane atribui o crescimento à sofisticação do produto. "A cachaça era um sub-produto na época da colonização. Mas há uma tendência recente de se produzirem cachaças mais refinadas. Hoje todas as classes sociais consomem o produto".

O pequeno produtor encontra espaço, principalmente no mercado de produtos naturais e artesanais, explica Daiane. "A produção artesanal é mais dispersa pelo país e mais ligada à agricultura familiar. O jeito de se produzir é herança do período colonial. É o caso do açúcar mascavo, que é um produto menos industrializado. O produtor que consegue se adequar às normas de produção e vigilância se dá bem". ■

Marcelo Luiz Delizio Araújo

Usina moderna

Indústria de processamento de cana-de-açúcar, em Chapadão do Céu (GO).



A cana é moída para separar o caldo do bagaço.

O bagaço é utilizado como adubo e ração, para gerar energia elétrica e na alimentação de caldeiras de usinas.

O caldo é usado para produzir açúcar, etanol, cachaça, rapadura e melado.

A cana não parou no tempo

Tecnologias possibilitam aproveitar resíduos, principalmente o bagaço, para criar novos produtos como plástico verde, fibras para tecido e celulose.

donas

texto Marília Loschi
design Simone Mello
fotos Licia Rubinstein

Maria Esther Santos, três anos, vai à escola e brinca do que quiser

de ideias, diplomas, casa, empresas, histórias, si

As perguntas atravessam séculos: "O que é a mulher?", "O que quer uma mulher?"... Sob os olhares da filosofia, da teologia, da biologia, da medicina, do direito, da literatura, o corpo e a alma femininas têm sido medidas, analisadas, exorcizadas, representadas e narradas. Mas onde estamos, em 2018?

As novidades sobre o assunto são que a crescente participação feminina na sociedade está colocando em xeque todas essas narrativas construídas sobre a mulher e que foram criadas, ao longo de séculos, por homens – em sua maioria europeus, brancos e livres. E as novidades são mulheres falando por si mesmas e ocupando, ainda que em menor número do que homens, posições de poder. Mulheres que têm cada vez mais acesso ao ensino e ao mercado de trabalho, aos espaços das artes, da política e do livre pensar, acesso à contracepção e ao direito de escolher outro destino que não exclusivamente a vida doméstica e os filhos.

Tudo isso são novidades, ainda, considerando uma história de longa duração em que esses espaços só muito recentemente começaram a se abrir – não sem esforço e luta, e ainda não completa e democraticamente. Os caminhos abertos ainda são mais estreitos para mulheres negras, de classes mais baixas, lésbicas, bissexuais e transexuais e que vivem fora dos centros urbanos das regiões Sul e Sudeste do Brasil.

"As mulheres não são um grupo homogêneo", diz a pesquisadora do IBGE Barbara Cobo, que coordenou a publicação "Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil", divulgada neste mês. Na publicação, os dados estatísticos dialogam com os diversos papéis sociais de homens e mulheres em cinco esferas: estruturas econômicas e acesso a recursos; educação; saúde e serviços relacionados; vida pública e tomada de decisões; e direitos humanos de mulheres e crianças. Segundo a pesquisadora, a complexidade do tema das estatísticas de gênero é justamente sua transversalidade: "Tem que olhar para todos esses temas, com esse olhar das diferenças do papel da mulher e do papel do homem, é isso que a gente tenta montar. É um mosaico", diz Bárbara.

Nós podemos

Nossa foto de capa foi inspirada num cartaz de 1943, dos Estados Unidos, mas que ganhou grande projeção a partir dos anos 1980, quando se tornou um ícone do feminismo. A frase pode ser traduzida como "Nós podemos fazer isso!" e remete ao empoderamento feminino.

mulher: nascer e tornar-se

A famosa frase de Simone de Beauvoir, "Não se nasce mulher, torna-se mulher", inspira uma reflexão acerca do quanto a sociedade trata como destino aspectos socialmente construídos na vida de homens e mulheres. Para começar, logo na infância: uma pequena anedota contada pela professora da Universidade Federal do Ceará, Lola Aronovich (do blog "Escreva, Lola, escreva"). Numa escola pública no interior de São Paulo, em que os brinquedos não são segregados por gênero, um pai foi buscar o filho e o encontrou brincando de boneca. Revoltado, sua reação foi perguntar: "Virou gay, agora?". A resposta do menino, Lola nos conta: "o garoto, com toda a inocência que é peculiar às crianças que ainda não aprenderam a ser preconceituosas, respondeu, calmamente: 'Não, virei pai.'"

Nossa garota de capa, a pequena Maria Esther Santos, aos três anos, gosta de brincar com bonecas, bonecos, carrinhos e cozinha de brinquedo. "Eu queria que ela gostasse das princesas, mas nem liga", diz Thayná, a mãe da menina. Numa geração em que as imposições de gênero são discutidas com mais franqueza, Maria Esther tem muito mais liberdade do que teve Alice Pereira, hoje com 44 anos.

Alice é uma mulher transexual que nos conta sobre a dificuldade de interagir com outras crianças na infância porque não se sentia adequada aos padrões de gênero: tendo nascido e sido registrada como do sexo masculino, não se identificava com esse universo nas brincadeiras, mas também não conseguia ficar no grupo das meninas. "Eu até gostava dos brinquedos 'de meninos' – avião, carrinho, essas coisas. Mas não gostava da companhia, dos tipos de brincadeira, da violência, da competitividade, da agressividade; não é que isso não exista para a mulher, mas a gente percebe que é diferente", diz Alice. E, no meio das meninas, Alice também não conseguia ficar, por ser considerada um 'menino' no meio delas. "Passei a ser reprimida pela família e pelas outras crianças. Na minha época era tudo mais separado, eu sofria *bullying* e os meninos me chamavam de mariquinhas porque eu tinha um jeito mais delicado".

Na divulgação de dados estatísticos do IBGE, é importante ter em mente a forma como sexo e gênero são compreendidos: a palavra "sexo" refere-se às diferenças biológicas entre homens e mulheres, que não costumam variar entre culturas e ao longo do tempo; "gênero", por sua vez, refere-se às diferenças socialmente construídas em atributos e oportunidades associadas com o sexo feminino ou masculino e as interações e relações sociais entre homens e mulheres. Assim, quando se divulgam estatísticas de gênero, considera-se que em todas as sociedades existem diferenças entre o que é esperado, permitido e valorizado em uma mulher e o que é esperado, permitido e valorizado em um homem.

Isto não significa ignorar as diferenças biológicas, mas compreendê-las num contexto social mais amplo. A antropóloga Barbara Pires explica que natureza e cultura não são autoexcludentes, mas se desenvolvem em conjunto. Entretanto, o que uma sociedade chama de "natural" é construído dentro de cada cultura e acaba virando referência científica: "A própria ideia de sexo tem esse efeito de naturalidade. A forma como a gente percebe as diferenças

"Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil"

A publicação "Estatísticas de Gênero" foi construída a partir de uma compilação de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C), da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), das Estimativas de Projeção da População, das Estatísticas do Registro Civil, da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), da Pesquisa de Informações Básicas Estaduais (Estadic), no âmbito do IBGE; e também de fontes externas oriundas do Ministério da Saúde, Presidência da República, Congresso Nacional, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixiera (Inep/MEC).

fisiológicas é muito baseada na noção cultural que determina o que é explicado cientificamente como natural", diz.

Ela cita o exemplo de sua pesquisa em que estudou casos de bebês intersexuais (nascidos sem uma definição clara de sexo masculino ou feminino). Essas crianças precisam passar por várias cirurgias e intervenções hormonais ao longo da vida, desde muito pequenas, para se adequarem a um sexo ou outro. "A própria natureza dá variações possíveis, não-binárias. Mas, por questões culturais, a gente precisa adequar homens e mulheres para ter uma certidão de nascimento, para ser socializado, para qualquer coisa a gente tem que ter uma definição como mulher ou homem", explica Barbara.

Alice tenta não se preocupar com rotulação, mas conseguiu a mudança de nome e gênero na certidão de nascimento através da Defensoria Pública. "Já que estamos numa sociedade que tem divisão binária de gênero, é mais adequado que eu esteja com isso regularizado". O que não impede o questionamento: "Eu acho absurdo você ter gênero na certidão de nascimento. Que nem cor. Para quê? Isso discrimina desde o começo, só serve para começar a separar as pessoas e dizer que ela é isso e vai ter que seguir um caminho", coloca Alice. "Quem tá nascendo agora podia não ter mais isso, para poder crescer diferente. Tudo começa nessas designações, o papel de cada um".

Quadrinhos

Alice Pereira é musicista e cartunista e conta sua história na Internet nos quadrinhos "Pequenas Felicidades Trans" (conheça no final da revista)

mitos e fatos

"MULHERES NÃO SÃO MINORIA. SEGUNDO O PRÓPRIO IBGE, SÃO MAIS DA METADE DA POPULAÇÃO."

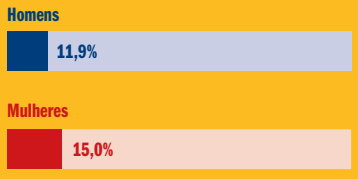
Quando se fala de minorias, se fala de um grupo social num contexto político. O sentido é do espaço que essas pessoas ocupam na sociedade. Mulheres ainda são minoria política: na Câmara dos Deputados, no Senado Federal, nos ministérios, nos cargos gerenciais. Isto mostra que as mulheres participam menos na tomada de decisão do que homens.

"MULHERES GANHAM MENOS DO QUE OS HOMENS PORQUE ELAS TÊM MENOS QUALIFICAÇÃO."

A proporção de mulheres com curso superior é maior do que a dos homens. Mesmo assim, quanto mais qualificadas, maior a discrepância salarial entre homem e mulher. Elas ocupam menos cargos gerenciais, que têm salários maiores, e isso também influencia no rendimento final.

PROPORÇÃO DE PESSOAS DE 25 ANOS OU MAIS DE IDADE COM NÍVEL DE ENSINO SUPERIO COMPLETO

PNAD 2015



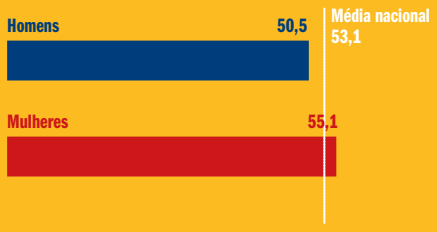
"MULHERES GANHAM MENOS DO QUE OS HOMENS PORQUE ELAS TRABALHAM MENOS. "

Mulheres trabalham mais do que os homens: embora eles trabalhem mais horas na ocupação principal, elas têm dupla jornada, dedicando mais de vinte horas semanais a afazeres domésticos e cuidados de pessoas.

MÉDIA DE HORAS SEMANAIS TRABALHADAS DAS PESSOAS OCUPADAS COM 16 ANOS OU MAIS DE IDADE

(TRABALHO PRINCIPAL + AFAZERES DOMÉSTICOS)

PNAD 2015



mulheres

CENSO 2010

CENSO DEMOGRÁFICO 2010

O último Censo atualizou dados importantes para as estatísticas de gênero, como: taxa e padrão de fecundidade, mulheres responsáveis por domicílios, informações sobre cor ou raça, escolaridade, deficiência. Além da vasta gama de temas, um censo sempre é importante para aperfeiçoar pesquisas amostrais e gerar estudos mais especializados.

PME 2009

MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: PERGUNTAS E RESPOSTAS

Com base na Pesquisa Mensal de Emprego (PME) 2009, o IBGE confirmou que mesmo em grupos com a mesma escolaridade e do mesmo grupamento de atividade a diferença entre os rendimentos persistia e era até maior. No Comércio, homens de 11 anos ou mais de estudo ganhavam em média R$ 616,80 a mais do que as mulheres; homens com nível superior ganhavam R$ 1.653,70 a mais do que elas.

RELAÇÃO ENTRE AUMENTO DA ESCOLARIDADE E REDUÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL

A Síntese de Indicadores Sociais mostrou que, em 2004, a probabilidade de uma mulher com 8 anos ou mais de estudo, com dois filhos, vir a ter o terceiro era de pouco mais de 50%; para uma mulher com até 3 anos de estudo, era de 90%. Também mostrou que apenas 3,9% das mulheres ocupadas estavam em cargos de direção, enquanto para os homens a proporção era de 5,5%.

SIS 2004

SAÚDE DA MULHER

Em 2003, a Pnad investigou pela primeira vez três exames preventivos femininos: mamografia, preventivo de câncer de colo de útero (Papanicolau) e exame de mamas por profissional de saúde.

PNAD 2003

em dados

PNS 2013

DADOS SOBRE O PARTO E PRÉ-NATAL

A Pesquisa Nacional de Saúde 2013 trouxe dados sobre pré-natal, parto e preventivos, revelando as desigualdades por grupos de cor ou raça e por regiões: o cuidado com a saúde foi mais observado entre as mulheres brancas e com nível superior completo. O exame de mamografia, por exemplo, teve menor proporção na região Norte (38,7%) e maior na Sudeste (67,9%).

SIS 2014

ACOMPANHANDO A DESIGUALDADE DE GÊNERO, DEZ ANOS DEPOIS

A Síntese de Indicadores Sociais 2014 mostrou que a desigualdade de gênero no mercado de trabalho começava a diminuir, mas ainda persistia. A relação de desigualdade de rendimentos entre homens e mulheres era maior nos trabalhos informais, onde elas recebiam 65% do rendimento médio dos homens.

SIS 2015

AUMENTA A PARTICIPAÇÃO MASCULINA NOS AFAZERES DOMÉSTICOS

A Síntese de Indicadores Sociais 2015 mostrou que o percentual de homens realizando afazeres domésticos e cuidados passou de 46% em 2004 para 51% em 2014, mas as mulheres continuavam trabalhando o dobro de tempo em afazeres e cuidados, acumulando 5 horas semanais a mais na jornada total de trabalho em relação aos homens.

PNAD C 2016

METODOLOGIA INÉDITA PARA OUTRAS FORMAS DE TRABALHO

A Pnad Contínua 2016 trouxe, pela primeira vez, dados sobre trabalho voluntário, em que a participação das mulheres era maior do que a dos homens. Elas continuavam dedicando o dobro aos afazeres domésticos e cuidado de pessoas: a média no Brasil era de 16,7 horas por semana, sendo 11,1 horas em média para homens e 20,9 horas em média para mulheres.

As mulheres arcam com a maior parte das tarefas domésticas e de cuidados de pessoas, inclusive das crianças. Em lares onde as tarefas e cuidados não se concentram tanto na mulher, elas não precisam faltar ao trabalho ou deixar de assumir mais responsabilidades por conta de compromissos com cuidados de pessoas.

"MULHERES GERAM MAIS CUSTOS PARA AS EMPRESAS PORQUE ENGRAVIDAM E SE AUSENTAM DO TRABALHO MUITO MAIS DO QUE OS HOMENS."

Escolhas profissionais sempre são condicionadas às possibilidades de cada cultura: ainda pensamos em profissões mais "femininas" ou "masculinas". A associação entre a mulher e a esfera doméstica e do cuidado contribui para reforçar esta crença. Trabalhos e estudos considerados "femininos" continuam sendo pouco valorizados no mercado.

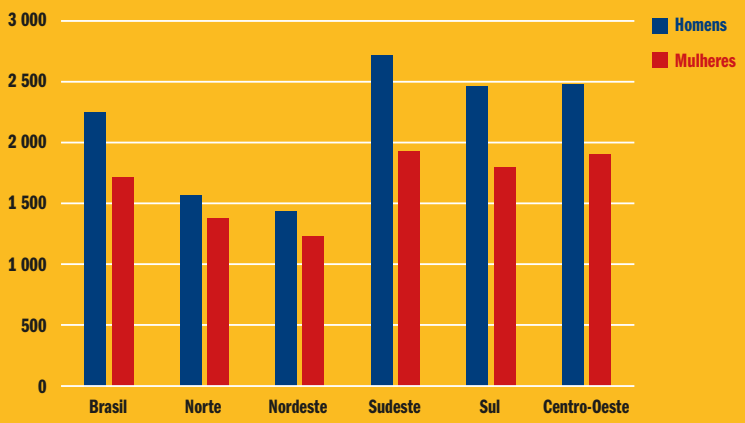
"MULHERES ESCOLHEM OCUPAÇÕES QUE PAGAM MENOS."

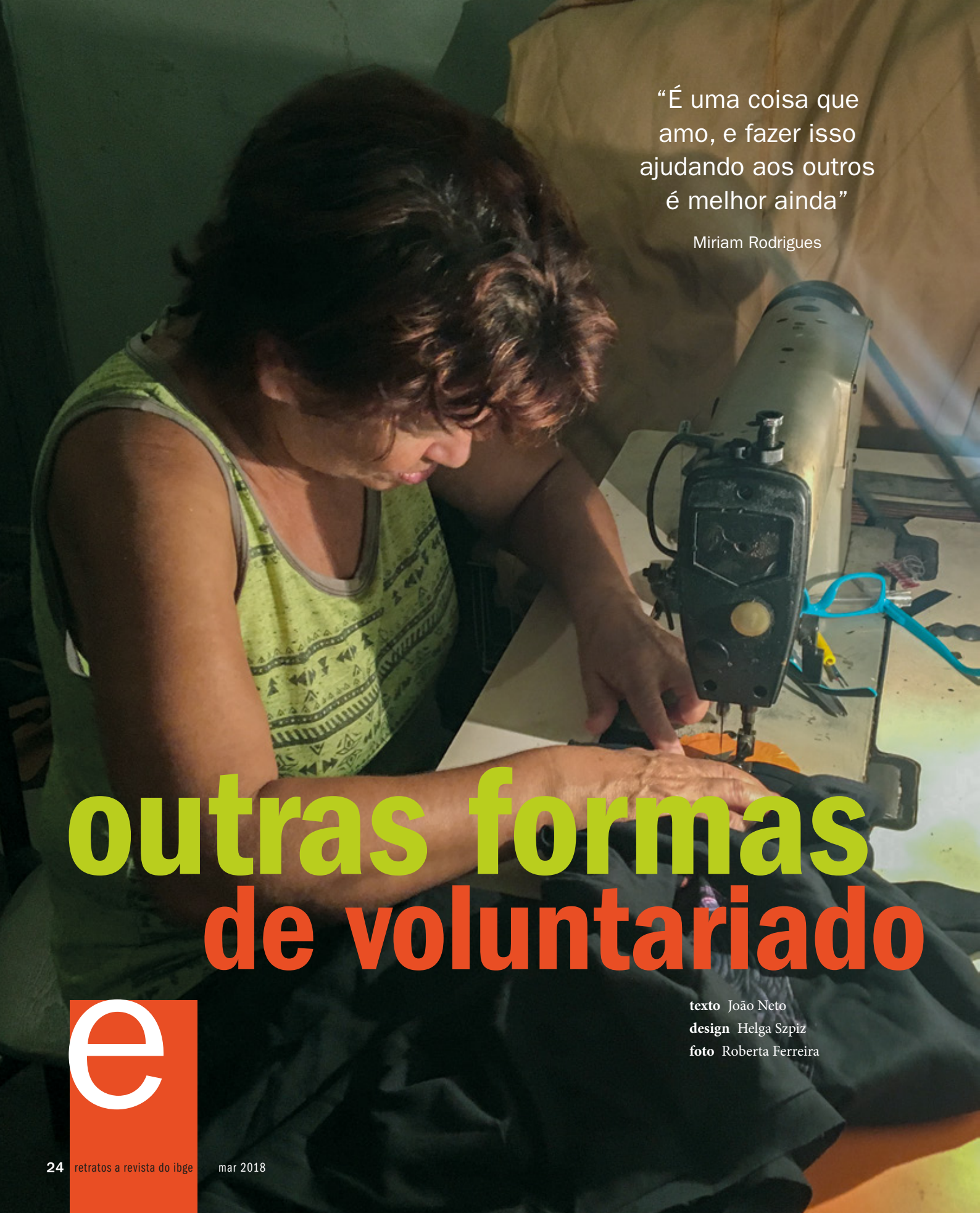
O feminicídio é um crime em que a condição da vítima é sua vulnerabilidade por ser mulher. As mortes de homens têm diversas causas e contextos sociais, mas não existe situação em que um homem seja assassinado por questões de gênero.

"TEM UM NOME ESPECÍFICO PARA FEMINICÍDIO, MAS AS MORTES DOS HOMENS NÃO IMPORTAM?"

RENDIMENTO MÉDIO DO TRABALHO PRINCIPAL DAS PESSOAS COM 16 ANOS OU MAIS DE IDADE - 2016

PNAD C 2016





“É uma coisa que amo, e fazer isso ajudando aos outros é melhor ainda”

Miriam Rodrigues

outras formas de voluntariado

texto João Neto
design Helga Szpiz
foto Roberta Ferreira

Goiano Eli Oliveira, 37 anos, divide a rotina de padeiro com a de sonoplasta na igreja Assembleia de Deus, que frequenta em Aparecida de Goiânia (GO). Ele está presente em todos os cultos, quatro vezes por semana. "Já estou nessa função há seis anos. Eu chego mais cedo e checo os cabos, os microfones, as caixas de som. Na hora do culto, tem que ficar atento ao volume", conta. Segundo o módulo "Outras formas de trabalho", da Pnad Contínua, Eli foi um dos 6,5 milhões de brasileiros que realizaram trabalho voluntário no país em 2016.

Ele conta que o ato de ajudar foi uma prática aprendida na infância. "Nasci em um bairro pobre, então todo mundo se ajudava. Via os vizinhos se ajudando na construção de casas ou doando alimentos aos necessitados. E, na igreja, esse desejo de ajudar só aumentou. Ajudar é gratificante, você se sente mais feliz do que quem você ajudou", diz Eli.

O tipo de atividade que Eli realiza, prestando serviços para uma instituição, é o exemplo mais comum de trabalho voluntário, mas existem outros, menos conhecidos. De acordo com a pesquisa, 8,5% das pessoas que realizaram trabalho voluntário o faziam sem intermédio de empresa, organização ou instituição – como o vizinho que acompanha um idoso a uma consulta médica, do trabalhador que oferece carona para o colega, de profissionais liberais que prestam serviços gratuitamente.

É o caso da aposentada Miriam Rodrigues, 62 anos. Moradora de São João de Meriti, no Rio de Janeiro. Miriam é aquela pessoa que está sempre disposta a ajudar quem precisa. Ela já trabalhou doando roupas e alimentos a moradores de rua da região onde mora. Hoje, divorciada e morando sozinha, ela toma conta do neto durante o dia, mas sempre arranja tempo para ajudar amigos e vizinhos, principalmente nos serviços de costura. "É uma coisa que amo, e fazer isso ajudando aos outros é melhor ainda", diz.

Ela conta que o hábito de ajudar foi herdado dos pais. "Uma vez, quando eu era menina, meu pai abrigou uma família que ficou sem casa por causa de um temporal. Nunca me esqueci daquele dia", lembra.

O PERFIL DOS VOLUNTÁRIOS

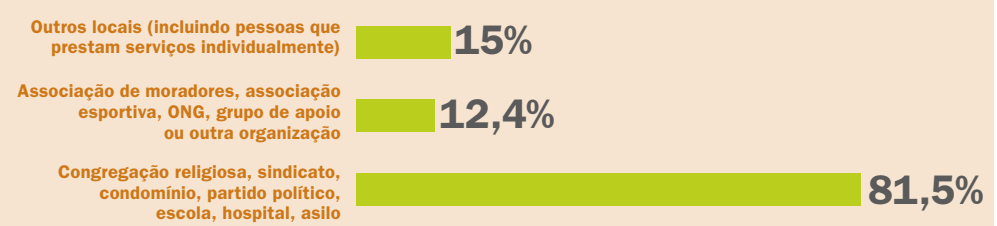
Na Pnad Contínua, trabalho voluntário é aquele não compulsório realizado a terceiros (não parentes e pessoas que não moram no domicílio) e feito sem receber remuneração em dinheiro ou benefícios por pelo menos uma hora por semana. Segundo a pesquisa, 57,6% dos voluntários já tinham um emprego remunerado e 59,4% possuíam pelo menos o ensino médio completo. A maioria (62,1%) eram mulheres. Pará, Amazonas e Paraná foram os estados com maior participação da população: respectivamente 6,2%, 6,0% e 5,6%. No Brasil, o percentual geral foi de 3,9%.

De acordo com a pesquisadora do IBGE Alessandra Brito, é a primeira vez que o IBGE produz um levantamento detalhado sobre outras formas de trabalho. "A pesquisa permite conhecer trabalhos que não geram receita, como o próprio trabalho voluntário. Nesse módulo, conforme normas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), investigamos quem é esse público, a idade, o contingente, as horas despendidas no voluntariado. O Brasil é um dos primeiros países do mundo a realizar esse estudo", explica. ■

Foto

Na casa simples de cinco cômodos onde Miriam mora, a máquina de costura fica em um canto escuro do quarto. Para trabalhar, foi preciso instalar uma lâmpada próxima ao equipamento.

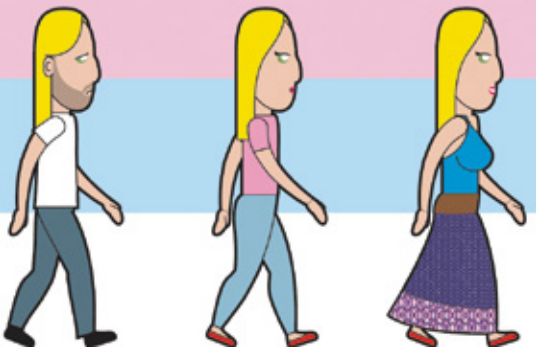
Pessoas que realizaram trabalho voluntário, por local de realização - Brasil 2016

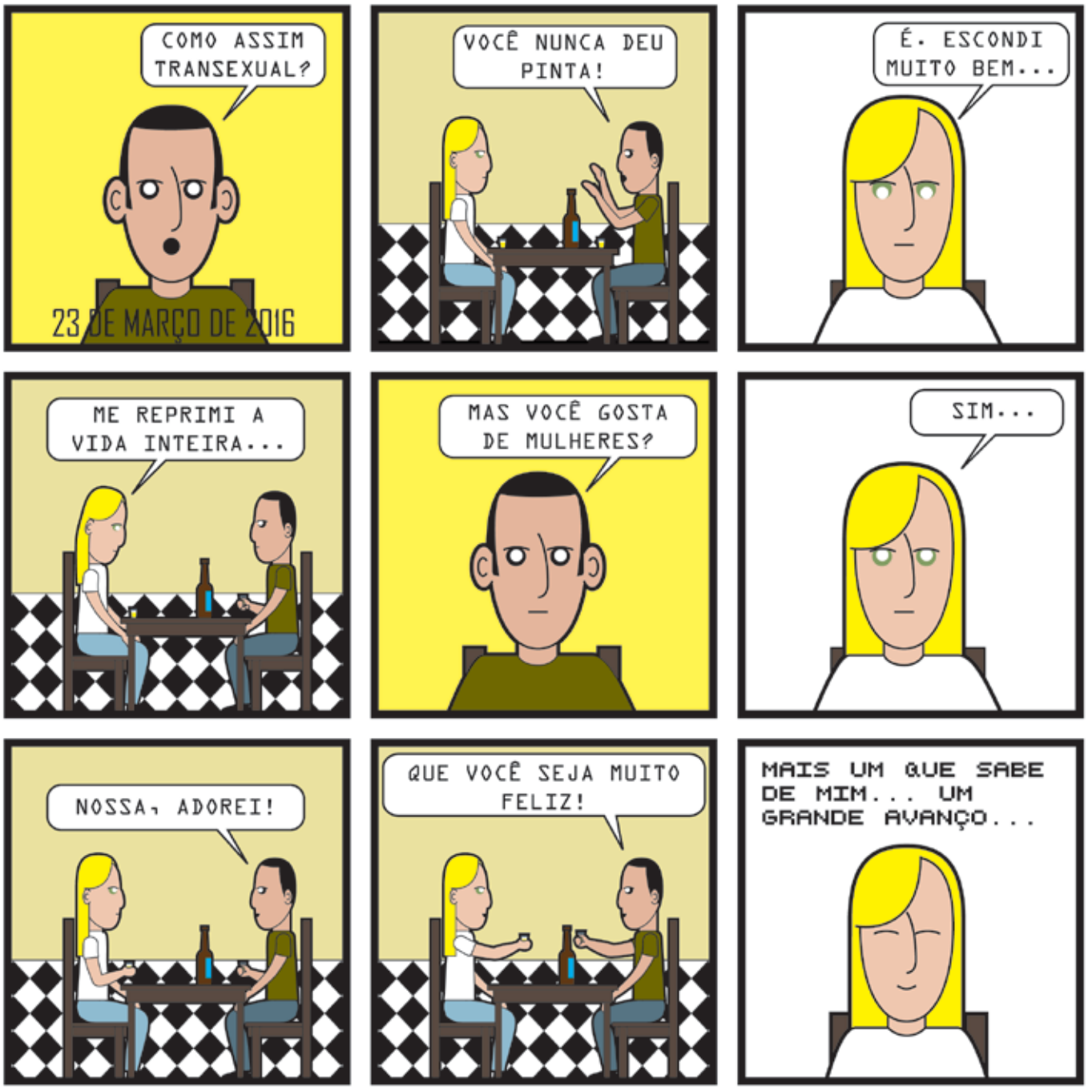


Fonte: IBGE, Pnad Contínua 2016 - Outras Formas de Trabalho

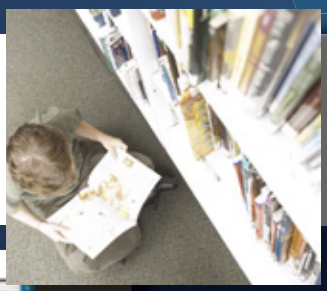
Pequenas Felicidades Trans

texto e ilustração Alice Pereira
facebook Pequenas Felicidades Trans

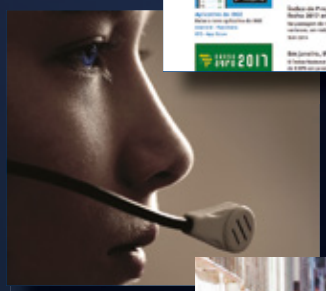


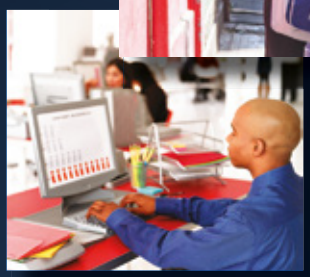


Nosso conceito de atendimento à sociedade é baseado em uma ampla rede de serviços. São canais para facilitar o acesso às informações que retratam os diversos aspectos da realidade do nosso País.



IBGE
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística





Portal do IBGE – www.ibge.gov.br oferece um acervo atualizado de informações estatística e geocientífica organizadas além de poder adquirir produtos do IBGE na Loja virtual

Central de Atendimento – 0800-721-8181, ligue gratuitamente e obtenha informações sobre os dados produzidos pelo IBGE.

Respondendo ao IBGE espaço destinado a informar as pesquisas em campo além de poder conferir a identidade do pesquisador, acesse **respondendo.ibge.gov.br**

Nas capitais dos estados brasileiros procure o **Setor de Documentação e Disseminação de Infomações - SDI mais perto de você**. Para conferir o endereço mais próximo, acesse o **Portal do IBGE, no link "Atendimento"**.

/ibgecomunica /ibgeoficial /ibgeoficial /ibgeoficial

www.ibge.gov.br 0800-721-8181

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E GESTÃO

BRASIL GOVERNO FEDERAL

A arte de retratar o Brasil

Espelho Meu, 2008 - Silvia Almeida, Corumbá - MS

Brasil em números

volume 25
2017

Brazil in figures

81 anos do IBGE

Muhpan
MUSEU DE HISTÓRIA DO PANTANAL

/ibgecomunica /ibgeoficial /ibgeoficial /ibgeoficial

www.ibge.gov.br 0800-721-8181

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E GESTÃO

BRASIL GOVERNO FEDERAL